





# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXII 2023

Ser ou Ter: Qual é a sua?

Bill Holloway

*Discurso apresentado no Fórum Brasileiro de Análise Transacional em 2018*

Boa noite, colegas.

Agradeço aos organizadores do fórum pelo privilégio de falar com vocês hoje à noite. Estamos reunidos aqui esta noite por causa da criatividade de um homem, Eric Berne.

Ao nos reunirmos aqui, temos pelo menos quatro conexões em comum:

- Primeiro, acreditamos que Eric Berne fez uma contribuição importante para entender o comportamento humano e os relacionamentos.
- Em segundo lugar, utilizamos alguns dos conceitos estabelecidos por Eric Berne como base para os serviços que prestamos.
- Em terceiro lugar, estamos comprometidos com a ideia de que podemos facilitar uma melhoria na qualidade de vida daqueles que buscam nossos serviços.
- E em quarto lugar, de alguma forma, experimentamos pessoalmente uma melhoria na qualidade de nossas vidas por causa de nossa familiaridade com a AT.

O tema deste fórum é "Ter ou Ser, qual é sua?"

Minha primeira associação ao tema foi com as orientações de vida descritas por Eric Fromm, autor do livro, *To Have or To Be*, publicado em 1976 (traduzido para o português em 1999 "Ter ou Ser?"). Fromm observou que ambas as orientações de vida coexistem e que a dominância de uma ou outra na vida de uma pessoa é mais determinada pela cultura do que pela escolha pessoal.

E então voltei para a construção específica do tema e foquei em duas palavras, "ou" e "sua". "Ou" em inglês simplesmente identifica alternativas ou contraste sem valores implícitos. No entanto, a adição de "sua" abre várias possibilidades, porque a questão é incompleta.



# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

E há opções para completar:

- Qual é a sua preferência?
- Qual é o seu desejo?
- Qual é a sua situação?
- Qual é a sua avaliação?

Minha escolha foi usar outra conclusão – “Qual é a sua ideia?”

Minha ideia é que o pensamento dualista limita inerentemente o progresso e o desenvolvimento. Como matéria e energia, pensamento, ação e sentimento são todos transitórios – a permanência é uma ilusão.

Eu incluo nessa ilusão a crença de que uma pessoa possui coisas – O TER. Enquanto procurei por uma definição de SER – eu não encontrei nenhuma definição consistente. Então eu sugiro a você que SER também é uma ilusão.

Portanto, opto por não entrar em uma discussão sobre os méritos de TER, em contraste com os méritos do SER, como estados de existência.

Mesmo que essa seja minha preferência pessoal, acredito que, se um profissional valoriza ter ou ser como uma escolha melhor para uma vida satisfatória – a ética se torna um problema.

Como o contexto para a apresentação da questão temática é um fórum de profissionais para os quais a Análise Transacional é importante, e com ênfase adicional na ética, escolhas e consequências, escolho focar no resultado pretendido dos serviços oferecidos.

Uma crença comum entre os psicólogos de todas as convicções é que os seres humanos não são livres para agir como desejam e que a maioria das restrições está no ator, não no ambiente.

Alguns acreditam que as restrições se originaram antes da capacidade de uma pessoa ter cognição organizada e que, portanto, as restrições originais nunca podem ser acessadas conscientemente.

Outros aceitam a possibilidade de origem pré-conceitual, mas acreditam que a essência das restrições pode ser detectada a partir das suas manifestações comportamentais simbólicas delas derivadas.



# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

E há outros que acreditam que os aspectos não-conscientes do comportamento não precisam ser considerados para o processo de modificação das escolhas de vida.

Não conheço a história da escolha de Eric Berne para iniciar o estudo da psicanálise. É evidente em seus escritos que ele acreditava na afirmação de Freud de que, para os humanos, dois impulsos concorrentes coexistem:

- Eros, a tendência para a sobrevivência, aumento da vida, propagação, sexo e criatividade, e
- Thanatos, o impulso para a morte e a autodestruição.

O conceito de pulsão de morte não se originou de Freud. Foi proposto anteriormente por Sabina Spielrein, uma psicanalista russa.

Como os impulsos míticos de Freud na criação do mito do roteiro de vida, Berne estabeleceu um dualismo para a existência humana. Com base em ilusões, Berne identificou duas categorias para a humanidade:

- Um é o Grupo da Vida – Consistindo daquelas pessoas que estarão perpetuamente esperando por Papai Noel.
- O outra é o Grupo da Morte – Aquelas pessoas que estarão perpetuamente esperando pela Morte.

Para os participantes do Grupo da Vida – Papai Noel vai trazer presentes para os vencedores. Para os participantes do Grupo da Morte – A morte resolverá todos os problemas para os perdedores. Então, Berne estabelece uma dualidade limitante.

Eu não sei até que ponto cada um de vocês adere às crenças de Berne.

Em *O Que Você Diz Depois Que Você Diz Olá*, Berne declarou: “Os analistas de *Script* subscrevem as doutrinas de Freud em sua totalidade...” E no mesmo parágrafo ele deixa claro que inclui tanto “o instinto de morte e na propagação da compulsão de repetição”.

Freud identificou o id como a fonte do misterioso comportamento repetitivo e compulsivo. Berne escolheu o conceito do Demônio, que ele descreve como: “o item chave, que não apenas torna o roteiro possível, mas também dá o impulso decisivo”.

Berne identificou o Demônio como a fonte para o comportamento destrutivo. Por extensão, o Demônio foi a razão para Bruxas e Ogros – resultando em Injunções de *Script*.



# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

[cientifica@unat.org.br](mailto:cientifica@unat.org.br)

[www.unat.org.br](http://www.unat.org.br)

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

Por causa da minha crença na “polipotencialidade” adaptativa dos seres humanos, eu não subscrevo as ideias de *Script de Vida* de Berne como uma verdade. Em vez disso, acredito que o *Script de Vida* é um mito atraente e elaborado criado por Eric Berne, um mestre contador de histórias.

Identificar o *Script de Vida* como um mito não significa dizer que não tem valor, porque eu diria que todas as teorias da personalidade são mitos. Mito, defino, como uma história tradicional de eventos históricos ostensivos que explicam fenômenos. O apelo dos mitos é que eles fornecem aos humanos um senso de estrutura – que parece que precisamos explicar os mistérios.

Sendo incapaz de explicar o comportamento que é prejudicial ou destrutivo de si mesmo ou dos outros, os humanos sempre personificaram a causa. E a personificação é sempre culturalmente congruente. Então, seja espírito maligno, diabo, Satanás, Id ou Demônio interior de Berne – todos são exemplos dessa personificação.

Berne não revela, em seus escritos, os comportamentos que ele pessoalmente experimentou como estranhos e indesejáveis. Se as histórias sobre Berne que são relatadas no livro, *Eric Berne, Master Gamesman*, são precisas, é evidente que suas ações foram às vezes autodepredantes e, talvez, autodestrutivas. Sugiro, adicionalmente, que todas as teorias psicológicas contenham elementos autobiográficos derivados da experiência de vida do autor criador.

Embora eu não endosse as formulações de Berne sobre *Script de Vida*, não tenho qualquer objeção ao uso do conceito como uma história metafórica, potencialmente relevante na terapia de alguns clientes.

Você pode perguntar: “Por que, então, escolhi estudar Análise Transacional e me tornar um Membro Didata Certificado da ITAA? Eu quero responder a essa pergunta.


Tendo sido educado primeiro em Medicina, uma ciência biológica, e depois me especializando em Psiquiatria, eu me identificaria como um Psicobiólogo. Meu referencial teórico básico é a Teoria dos Sistemas Vivos.


É meu interesse e preferência pela Psicoterapia de grupo porque me proporciona a oportunidade de observar diretamente as ações do cliente nas relações sociais dentro do grupo. Na Psicoterapia individual, apenas duas coisas estão disponíveis para o terapeuta:




# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXII 2023

1. Relatório filtrado do cliente sobre relações sociais
2. Relacionamento transferencial do cliente com o terapeuta

A confiabilidade da descrição de relacionamentos filtrada do cliente, está sempre aberta a perguntas.

Eu também acredito que todo comportamento social é uma comunicação que pretende influenciar o pensamento e a ação dos outros de uma maneira que se prefere.

Para mim, as formulações mais úteis de Berne são apresentadas em seu livro *Análise Transacional em Psicoterapia*. São essas formulações que tornaram a AT atraente para mim. Especificamente, identifico:

- Estados do Ego, como uma descrição do modo funcional presente.
- Transações, como estímulo e resposta.
- Jogos, como uma opção para satisfazer desejos psicológicos, sociais, biológicos e existenciais.
- Por último, Berne enfatiza os Contratos terapêuticos, que especificam resultados observáveis.

Em *Análise Transacional em Psicoterapia*, Berne identificou uma sequência protocolada como plano de tratamento. Foi o plano de tratamento contratual detalhado que evocou o interesse entre colegas – e resultou no início do Seminário de Psiquiatria Social de São Francisco. Uma leitura do Boletim de AT fornece evidência abundante deste interesse.

Embora Berne repetidamente enfatizasse que os Estados do Ego eram realidades e não ideias metafóricas convenientes, sua preferência não foi concebida. Hoje, enquanto a maioria dos profissionais de AT ensina que os Estados do Ego são realidades, na prática eles são mais usados metaforicamente. A prática de Análise Estrutural e Análise Transacional, como originalmente descrita por Berne, desapareceu.

Eu descrevo esse abandono do método de psicoterapia de Berne – como descrito em *Análise Transacional em Psicoterapia* como a primeira grande divisão entre analistas transacionais. Enquanto os membros do grupo de San Francisco continuaram a usar o protocolo, a ênfase dos membros mais novos em outras regiões dos EUA mudou. O foco entre os profissionais de



# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

AT mudou para o *Script* de Vida e como combater suas manifestações. A ênfase estava na “decisão precoce”.

No entanto, a este respeito, houve uma segunda divisão. Essa divisão depende da crença pessoal sobre se essa decisão inicial era inconsciente ou consciente. Até o presente momento, permanecem diferenças significativas entre os profissionais de AT, que eu descrevo como a segunda grande divisão.

A questão, às vezes controversa, é se e como as restrições das “decisões iniciais” podem ser modificadas ou eliminadas. Nesta controvérsia, identifico quatro posições proeminentes derivadas de duas crenças diferentes.

Uma crença é que o terapeuta tem o poder de liberar o cliente do *Script*. Com essa crença, existem duas abordagens:

1. A abordagem psicanalítica em que a crença do terapeuta é que a liberação do *Script* é obtida com Permissão – como preferida por Berne. Eu identifico isso como psicanalítico porque, para dar Permissão, o terapeuta deve primeiro formular uma Interpretação.
2. A segunda é a abordagem de apego baseada nas ideias de John Bowlby e Mary Ainsworth com a crença de que um realinhamento relacional orientado pelo terapeuta é necessário. Esta é a preferência por praticantes de “Análise Transacional Relacional”.

A segunda crença, oposta, é que a liberação de restrições criadas por si só, pode ocorrer porque o poder de mudar reside no cliente. Novamente, com a segunda crença, existem duas abordagens.

3. A abordagem de re-decisão baseada nas ideias de Robert e Mary Goulding, que se baseia na reencenação regressiva (um método de Gestalt-terapia promulgado por Fritz Perls).
4. Uma abordagem dialética socrática que investiga as crenças limitantes que sustentam as decisões iniciais da vida.

Profissionais que favorecem a posição que o poder do terapeuta cura, acreditam que o filho dependente é uma vítima que só pode se conformar e não escolher. Os profissionais que defendem a posição de que o poder de curar reside no cliente, argumentam que existe uma sabedoria primitiva para a sobrevivência e que isso se manifesta nas decisões iniciais adaptativas, mas restritivas.



# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

[cientifica@unat.org.br](mailto:cientifica@unat.org.br)

[www.unat.org.br](http://www.unat.org.br)

@unatbrasil

ANO XXXII 2023

No que diz respeito ao *Script* e cura, há outra questão relacionada entre os profissionais de AT – Autonomia. Como não consigo identificar nenhuma definição comumente aceita, não abordarei esse tópico hoje. Só posso identificar que, para Berne, a Autonomia foi a liberação das restrições do *Script* de Vida.

Em relação às restrições, acredito que os seres humanos são restringidos a agir por impulso e preferência. Eu acredito:

1. Todas as formas de vida são limitadas por influências ambientais.
2. Mamíferos, como animais sociais, também são sempre limitados por influências culturais.
3. Os humanos, por causa de seus cérebros complexos, são os mamíferos mais limitados pela cultura. Porque eles são autolimitados, mais do que ambientalmente restritos.

Agora quero abordar a outra questão importante apresentada no anúncio do programa – Ética. Mais especificamente, abordarei o Contrato terapêutico entre um cliente e um profissional competente.

Curiosamente, Berne não fornece muita informação sobre esses Contratos. Em *O Que Você Diz, Depois Que Você Diz Olá*, – Contrato é definido como: Um acordo explícito entre um paciente e um terapeuta que declara o objetivo do tratamento durante cada fase.

Em outros escritos, Berne afirma: “A situação ideal é ter um Contrato terapêutico com cada paciente, para que tanto o paciente quanto o terapeuta saibam o que estão procurando.”

Em outro livro, ele afirma: “O tempo deve ser reservado até o final da entrevista [inicial] para delinear o Contrato terapêutico;

- o que se espera conseguir através do tratamento em grupo,
- quais sintomas serão de interesse primário, e
- o que o terapeuta tem a oferecer.”

Berne fornece algumas pistas para sua posição sobre Contrato terapêutico na seguinte afirmação: “Assim, é possível dizer a um paciente: “É bom que você esteja se sentindo melhor e progredindo, mas não pode ficar bem até que você pare \_\_\_\_\_ ...” O espaço em branco é concluído adicionando o sinal do *Script*.”



# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962

cientifica@unat.org.br

www.unat.org.br

@unatbrasil



ANO XXXII 2023

Berne também disse: Uma maneira simples de evitar a maioria dessas dificuldades é perguntar ao paciente logo no início, quando o Contrato foi estabelecido: “Você vai me deixar curar você?”

Acredito que ambas as declarações fornecem evidências de que o “Contrato de cura” terapêutico para o *Script* foi precedido pela comunicação de Berne ao cliente de que existe um *Script*.

Talvez, por causa do renome público de Berne, houvesse clientes que procuraram seu serviço e que identificaram que queriam se curar de seu *Script*. Eu nunca tive essa experiência.

Clientes que buscaram meu serviço como psicoterapeuta geralmente começam me dizendo o que não querem, não o que querem. Em tal situação, muitas vezes é necessário estabelecer um “Contrato” inicial para definir os objetivos de um “Contrato terapêutico”.

Éticamente, eu aceito a posição de Berne de que “na prática privada, a responsabilidade do terapeuta é quase exclusivamente para com o paciente”. Por causa desse compromisso, é minha preferência não exigir pagamento para a primeira entrevista avaliativa.

Porque acredito que o *Script* de Vida é uma história metafórica, nunca estabeleci um Contrato terapêutico para “curar” um cliente do *Script*. Obviamente, para os psicoterapeutas que acreditam que o *Script* de Vida é uma realidade e não um mito, a situação é muito diferente.

Para mim, há uma consideração adicional de tratamento de problemas com a Análise Transacional. Eu seria negligente se não mencionasse alguns cuidados para os psicoterapeutas.

Pesquisas neurocientíficas nos últimos 30 anos produziram informações abundantes sobre estrutura e função neural. Embora muitos mistérios permaneçam, essas descobertas científicas têm sido motivo para eu modificar a Psicoterapia.

Sugiro que os profissionais que oferecem serviços psicológicos devam continuamente se informar sobre esses achados.


Ao concluir, quero voltar ao tema “Ter ou Ser, qual é a sua?” e a questão da ética. Porque acredito que a obrigação do profissional é atender ao interesse do cliente.







# REBAT

Revista Brasileira de Análise Transacional

+55 41 99551-5962 

cientifica@unat.org.br 

www.unat.org.br 

@unatbrasil 

ANO XXXII 2023

Se há grande diferença entre os valores de ter, versus os valores de ser – entre um profissional e um cliente, então há uma questão ética a ser resolvida pelo profissional.